

1

Pinóquio: breves apontamentos sobre um clássico contemporâneo ¹

Fernando Azevedo
Universidade do Minho

Introdução

Pensar e reflectir acerca de *As Aventuras do Pinóquio* em pleno século XXI pode parecer ousado, mas a verdade é que este clássico da literatura juvenil², para além de continuar a seduzir gerações de leitores, nos apresenta ainda hoje uma série de reflexões que nos ajudam a pensar o mundo e aquilo que é a natureza humana. Pinóquio, o boneco articulado de madeira, vive uma série de prodigiosas aventuras, através das quais conhece e contacta com personagens-tipo que ajudam o jovem leitor a pensar o que é a

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do projeto UID/CED/00317/2013.

Azevedo, F. (2015). Pinóquio: breves apontamentos sobre um clássico contemporâneo. In F. Azevedo, A. F. Araújo e J. M. de Araújo (Coord.), *As vidas de Pinóquio. Ecos Literários e Educacionais* (pp. 5-10). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação. ISBN: 978-972-8952-36-5.

² São vários os autores que sublinham a qualidade e a importância desta obra no âmbito da literatura italiana. Fulvio Panzeri (1991) apresenta uma resenha de várias interpretações criativas a que essa personagem deu lugar.

A Fundação Nacional Carlo Collodi, com sede em Itália, apresenta na sua webpage, uma súmula das iniciativas e ex-libris relacionados com esta obra: <http://www.pinocchio.it/> (23.04.2010).

humanidade e o que ela representa nos dias de hoje. E, no final, Pinóquio deseja, a todo o custo, ser um menino de verdade, mostrando que, apesar de tudo, apesar dos erros, quedas e situações disfóricas vividas, é sempre imperioso manter a dimensão humana.

Neste artigo, apenas realizaremos um breve apontamento sobre traços que potenciam linhas de leitura relevantes.

Em busca da humanidade

As Aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi, representam uma nova forma de perceber a criança, os seus lugares na sociedade e o papel da literatura. Com efeito, num artigo consagrado ao estudo das obras *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *As Aventuras de Pinóquio*, Ann Lawson Lucas (1999) sublinha que nestas é concedida uma grande liberdade aos protagonistas, mostrando-os, em larga medida, emancipados do controlo dos adultos, de tal modo que eles agem como não modelos relativamente a uma certa visão didática e moralista que era comum na literatura italiana do século XIX, como resposta aos desafios educativos e sociais de luta contra o analfabetismo, que, à época, atingia 78% da população, e igualmente como estratégia de construção de uma certa identidade colectiva.³ *As Aventuras de Pinóquio* mostram-nos, pois, um ser, sem preocupações morais ou sociais, abrindo, com uma grande dose de humor, a porta ao picaresco e ao maravilhoso.

³ “Tout ouvrage qui, de près ou de loin, renvoyait à une intention éducative, était considéré comme un ouvrage pour la jeunesse, sans grande considération pour les goûts et les capacités intellectuelles des enfants. Alors que la littérature romanesque en général était vue avec suspicion, et considérée comme un danger pour les enfants, les bonnes lectures devaient servir d’antidote, en leur inspirant de bonne heure «une aversion tout à fait providentielle pour cette littérature frivole et fausse qui ne se nourrit que des produits de l’imagination»”. (Colin, 2002/4: 508).

De facto, Pinóquio é apresentado como uma espécie de saltimbanco que, dotado de uma estranha pulsão, vagabundeia aparentemente sem destino⁴ e, nessas múltiplas viagens, se mostra sujeito a violências várias, de que a metamorfose do corpo e de algumas das suas partes são bons exemplos. Mas todas estas acções mais não fazem que reconduzir a personagem para a busca da essencialidade: o desejo de ser humano, de ser um menino de verdade, de alcançar um estatuto de afecto e de emoção similar às outras crianças.

Nesta perspectiva, Ângelo Nobile (1992) considera que a obra mostra, de uma forma metafórica, o processo de maturação do indivíduo e ensina que a conquista da humanidade e da liberdade implica uma passagem da heteronomia à autonomia e a superação do princípio do prazer em favor do princípio de realidade⁵.

Mas esta obra é também um texto onde, lúdica e humoristicamente se mostra a comédia humana. Nas suas viagens e aventuras, Pinóquio, um ser dotado de uma pureza e ingenuidade enormes, confronta-se com personagens boas (a Fada Azul, espécie de Mãe simbólica e protetora), mas também com personagens claramente desprovidas de carácter (a Raposa, o Gato, o comerciante de burros, etc), no fundo, com uma paleta de seres que representam os homens na sua dupla faceta.

Nesta perspectiva, estas aventuras prodigiosas, assim como a metamorfose da personagem estão ao serviço de um projeto de aprendizagem e de evolução do sujeito e é neste sentido que a obra

⁴ Nesta perspectiva, Beniamino Placido (1990: 49) aproxima a personagem Pinóquio dos jovens heróis da literatura norte-americana, uma vez que é mostrado, ao leitor, sempre “on the road”.

⁵ Daniel Nahum (1992: 30) considera que esta obra reproduz a ideologia básica da Bíblia. Para uma análise detalhada desta obra à luz dos princípios freudianos do prazer e da realidade, cf. Mark I. West (1988).

é, muitas vezes, reclamada para o domínio da *bildungsroman* (Wunderlich & Morrissey, 2002).

***As Aventuras do Pinóquio* hoje**

Ítalo Calvino (1982), num ensaio acerca do centenário da obra, considera-a um clássico e refere que a mesma, dada a sua qualidade, se emancipou do seu criador: Pinóquio é hoje unanimemente reconhecido, embora tal não sucede, de igual forma, com Collodi, o seu autor. De facto, são hoje múltiplas as adaptações a que o texto original de Collodi deu lugar⁶, originando variantes significativas no desenvolvimento da diegesis, as quais, em alguns casos, alteraram significativamente a sua estrutura profunda, criando uma espécie de subtexto substancialmente afastado da versão original (Nahum, 1992: 30).

Assim, *As Aventuras de Pinóquio* são hoje um clássico da literatura infanto-juvenil, como afirmámos num outro lugar (Azevedo, 2013), que integra o conjunto daquelas obras magníficas de cuja leitura, como sublinhou Italo Calvino (1994), não é possível prescindir, ou, pelo menos, testemunhar publicamente que não se leu, sob pena de uma exclusão simbólica das práticas culturais que, num período de tempo, definem e caracterizam as sociedades. Neste sentido, esta obra de Collodi impôs-se como inesquecível e é hoje uma riqueza para quem a leu e a amou.

Jack Zipes (1999: 144), sublinha que a popularidade de que tem gozado esta obra se deve, em larga medida, ao facto de ela constituir uma narrativa simbólica da infância que conseguiu

⁶ Desde a sua publicação, a obra inspirou centenas de adaptações e referências sendo traduzida para os mais diferentes idiomas, contando já com mais de 200 línguas e dialectos. Para um cotejamento das diferenças/semelhanças entre a versão original e outras, nomeadamente a de Walt Disney, cf. Amanda Magalhães, Eduarda Moura, Felipe Cohen & Luísa Moscoso (2005).

transcender as suas origens italianas e dialogar com um público leitor vasto, mostrando que qualquer um, inclusive um pedaço de madeira, possui potencialidades para ser bom, humano e socialmente útil.

Tal como os clássicos⁷, que têm a particularidade de, a cada nova revisitação, prometerem, aos seus leitores, novas veredas significativas, também *As Aventuras de Pinóquio* têm sido alvo de numerosos estudos e pesquisas, que vêm propondo inovadoras cartografias para um seu conhecimento pleno.

Referências

- Azevedo, F. (2013). *Clássicos da Literatura Infantil e Juvenil e a Educação Literária*. Guimarães: OperaOmnia.
- Calvino, I. (1982). Pinocho o las andanzas de un pícaro de madera. *El correo de la Unesco*, 6, 11-14.
- Calvino, I. (1994). *Porquê ler os clássicos?* Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Teorema.
- Colin, M. (2002/4). La naissance de la littérature romanesque pour la jeunesse au XIX^e siècle en Italie; entre L'Europe et la nation. *Revue de littérature comparée*, 304, 507-518.
- Gangi, J. M. (2004/2005). Childhood readers of the classics: a narrative and biographical account. *The women in literacy and life assembly of the national council of teachers of English*, 14, 18-25.
- Lucas, A. L. (1999). Enquiring mind, rebellious spirit: Alice and Pinocchio as nonmodel children. *Children's Literature in Education*, 30 (3), 157-169.
- Magalhães, A.; Moura, E.; Cohen, F. & Moscoso, L. (2005). As verdades nas mentiras de Pinóquio. Entrelinhas fabulosas que influenciam nossas vidas. *Eclética*, 43-46. [Em linha]

⁷ Os clássicos correspondem às colecções de textos que as comunidades decidiram preservar e honrar pelo seu valor especial (Miner, 1987), já que nelas ecoam as questões e as emoções mais profundas que definem e caracterizam a humanidade (Gangi, 2004/2005).

[Consultado em 21.04.2010] Documento *online* disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/11%20-%20as%20verdades%20nas%20mentiras%20de%20pinóquio.pdf>

- Miner, E. (1987). Some theoretical and methodological topics for comparative literature. *Poetics Today*, 8 (1), 123-140.
- Nahum, D. (1992). Pinocho: una lectura del nivel mítico. *Boletín de A.U.L.I.*, 23, 30-32.
- Nobile, A. (1992). *Literatura Infantil y Juvenil. La infancia y sus libros en la civilización tecnológica*. Madrid: Morata/M.E.C.
- Panzeri, F. (1991). Rivisitando Pinocchio: una rassegna di interpretazioni creative del personaggio di Collodi. *Sfogliolibro: La biblioteca dei ragazzi*, 2, 26-29.
- Plácido, B. (1990). *Tre divertimenti. Variazioni sul tema dei promessi sposi di Pinocchio di orazio*. Bologna: Il Mulino.
- West, M. I. (1988). From the pleasure principle to the reality principle: Pinocchio's psychological journey. In S. R Gannon & R. A. Thompson (Eds.), *Proceedings of the Thirteenth Annual Conference of the Children's Literature Association* (pp. 112-115). West Lafayette: Education Dept., Purdue University.
- Wunderlich, R. & Morrissey, T. (2002). *Pinocchio goes postmodern. Perils of a puppet in the United States*. New York and London: Routledge.
- Zipes, J. (1999). *When dreams came true. Classical fairy tales and their tradition*. New York & London: Routledge.